

Machado de Assis e José Veríssimo: aspectos da correspondência entre o escritor e o crítico

Cristiana Tiradentes Boaventura

Resumo O artigo percorre as trocas epistolares entre Machado de Assis e José Veríssimo acentuando os laços entre escritor e crítico. As cartas evidenciam o estímulo ao trabalho crítico-literário de ambos e a estreita ligação literária que os uniu. **Palavras-chave** correspondência; crítica literária; José Veríssimo; Machado de Assis.

Abstract *The article goes through the letters between Machado de Assis and José Veríssimo, emphasizing the bonds between writer and critic. The mails show clearly the stimulus to their critical and literary work and the narrow literary connection which joined them. Keywords* correspondence; literary criticism; José Veríssimo; Machado de Assis.

1. A correspondência entre Machado de Assis e José Veríssimo tem início em 1883 e se estende até 1908.¹ No conjunto composto por 83 cartas, escritas em sua maioria no Rio de Janeiro, prevalece o tom cordial, com discussões literárias, registros de ordem prática e conversas amenas. A via escolhida para esta leitura é extrair das cartas elementos que evidenciem os estímulos da criação literária, permitam perceber tendências críticas e colaborem para o entendimento do espaço social como fator de influência no exercício da crítica literária da época.

Revelando a relação amigável e quase cotidiana desses dois intelectuais, a correspondência traz indícios ou mesmo lacunas que permitem conjecturar terem sido constantes suas discussões acerca da literatura. Estas ocorriam nos encontros na Livraria Garnier e timidamente continuavam pelas cartas trocadas, muitas vezes enviadas por portadores ou pelo correio, mesmo quando Machado e Veríssimo se encontravam na mesma cidade, mas separados por atividades burocráticas:

Mas que fazer? [...] – E V. que faz? Ofícios, pareceres e outras coisas igualmente infames e inúteis. Por que eu não hei de ser, ao menos uma hora, ditador? Você era logo aposentado com vencimentos por inteiro, uma pensão no valor do dobro, e a recomendação de nos dar um livro por ano, as suas memórias, contos, romances, versos, e, se pudesse ser, a tradução completa do Dante. Mas enfim é preciso viver, o tal “pão para a boca”, e V. não tem remédio senão fazer aquelas coisas repugnantes e mesquinhas. [José Veríssimo. Rio de Janeiro, 9 de julho de 1901]²

2. Desde a publicação das cartas de Machado de Assis, após a sua morte, esse conjunto epistolar tem despertado o interesse de vários críticos, que nele se debruçaram com abordagens e interesses diferentes.

¹ Edição utilizada: ASSIS, Machado de. *Correspondência*. NERY, Fernando (Org.). São Paulo: W. M. Jackson Inc., 1957.

² Sobre a discussão da importância da arte e a necessidade de se “ganhar o pão” ver o artigo “O futuro da poesia”, de José Veríssimo, incluído no volume *Que é literatura? E outros escritos*. São Paulo: Landy Editora, 2001. (1ª edição: 1907).

Lúcia Miguel Pereira considerou “trivial”³ a correspondência de Machado, mas ainda assim se utilizou de cartas a Carolina, a Mário de Alencar, a Joaquim Nabuco e a José Veríssimo em sua obra *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, para mediar a relação entre o homem Machado de Assis e sua obra. Já Augusto Meyer considerou a correspondência insignificante:

Caso normativo dos escritores de ficção; eles se confessam através das encarnações imaginárias, indiretamente, com uma sinceridade mais honesta do que na correspondência ou nos cadernos íntimos. O verdadeiro Dostoievski, por exemplo, se revela muito mais na obra literária do que no *Journal d'un écrivain*. Deixo de argumentar aqui com a correspondência de Machado de Assis porque é um modelo de discreta insignificância.⁴

Alexandre Eulálio, em estudo no qual analisou uma carta de Machado de Assis a Heitor de Basto Cordeiro, ressalta a carta como “um documento de evidente interesse psicológico” e a considera o ponto máximo da demonstração de afetividade de Machado, entretanto observa que “de modo geral, no entanto, tem sempre razão Augusto Meyer”⁵

Se a abordagem adotada rumar para a busca de elementos que esclareçam as concepções políticas, literárias e críticas de Machado, os estudos podem se revelar fecundos e significativos. Há estudos, como é o caso da pesquisa de Marília Rothier Cardoso, que se afastam da perspectiva de Afrânio Coutinho, para quem era possível encontrar revelações do “homem” Machado de Assis em suas cartas. Na introdução ao epistolário machadiano que organizou para o terceiro volume da *Obra completa*, o crítico afirma: “Esta seção mostra-nos Machado de Assis tal como era, não faltando mesmo o traço de humanidade [...]. Aí está o homem nas suas fraquezas e misérias, como também na grandeza de sua superioridade intelectual e artística...”⁶

3 PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6ª ed. rev. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.

4 MEYER, Augusto. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: São José, 1958.

5 EULÁLIO, Alexandre. Em torno de uma carta. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugênia (Orgs.). *Livro involuntário: literatura, história e modernidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

6 ASSIS, Machado de. *Obra completa*. COUTINHO, Afrânio (Org.). Rio de Janeiro: Aguilar, 1959, v. III. p. 1042.

Mesmo com abordagens e enfoques distintos entre si, é necessário entender a carta como contendo referências relativas ao tempo e ao interlocutor, reconhecer o valor dela no espaço reservado, mas sem perder o foco de que o autor desenvolve sua escrita tendo em mente um determinado interlocutor e ao mesmo tempo é conhecedor do espaço social que o cerca. A carta é um documento datado e assinado, todavia não é um documento livre de qualquer estratégia ou máscara social.

Marília Rothier Cardoso interpreta – através de uma análise comparativa com as cartas de Mário de Andrade – as cartas machadianas utilizando-se da metáfora do jogo para pensar as cartas trocadas entre Machado e Magalhães Azeredo, destacando “a distância entre estes [os romances machadianos] e o bom comportamento de suas cartas – perfeitamente integradas à farsa do jogo social de que participavam”. Como bem diz, “as cartas [...] transitando, frequentemente, do domínio particular para o público [...] tornam-se preciosas e perigosas”. Com essa avaliação a autora situa Machado de Assis em seu ambiente, evidenciando que o autor de *Dom Casmurro* não utilizou o espaço epistolográfico para formular questões ou discutir conceitos estéticos como fez Mário de Andrade, cinquenta anos mais tarde, mas sim “na vida, soube conviver educadamente com ela (a elite), correspondendo-se com jornalistas, políticos e diplomatas sem deixar escapar uma só nota de humor cortante”. Outro ponto importante destacado nesse estudo é o valor dado por Machado às cartas trocadas com o jovem diplomata, para o qual reserva um discurso de supervalorização da correspondência e da produção literária do outro; Marília Cardoso ressalta o fascínio de Machado pela juventude e pelo “desejo de ser admirado pela nova geração”⁷

Teresa Malatian estuda a correspondência de Machado de Assis e Oliveira Lima, realçando o Machado político e diplomático, preocupado com as questões da Academia Brasileira de Letras e com “as redes de relações estabelecidas no espaço de sociabilidade constituído pela ABL [Academia Brasileira de Letras]”⁸ Maria Helena Werneck escolhe como perspectiva de análise dessa epistolografia a escrita

7 CARDOSO, Marília Rothier. Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis. *O eixo e a roda, Revista de Literatura Brasileira* (Belo Horizonte), v. 4, 1985.

8 MALATIAN, Teresa. Diplomacia e Letras na correspondência acadêmica: Machado de Assis e Oliveira Lima. *Revista Estudos Históricos* (Rio de Janeiro), vol. 13, n. 24, 1999.

do corpo e a revelação de si através do próprio corpo.⁹ Já o interesse pela relação entre Machado e a epilepsia fez-se claro em um estudo clínico de A. H. Chapman que se voltou para as cartas trocadas entre Mário de Alencar e Machado de Assis, nos últimos oito meses da vida deste; a constatação do estudo é que esse é o único registro escrito em que Machado aborda claramente o tema de sua doença.¹⁰

Um ensaio importante de João Roberto Faria analisa as duas cartas abertas trocadas entre Machado de Assis e José de Alencar, através do *Correio Mercantil*, a respeito do jovem Castro Alves. Alencar exalta a vocação de Machado para a crítica e confia a ele a leitura crítica da peça *Gonzaga*, ao mesmo tempo faz sua própria análise comparando o escritor moço aos grandes escritores universais. Machado, por sua vez, exhibe satisfação pelo reconhecimento do seu trabalho por Alencar, afinal tinha grande admiração por este, e faz uma breve autocrítica do seu trabalho como crítico, seguida pelo comentário a respeito do teatro de Castro Alves, “estabelecendo um paralelo entre os sentimentos experimentados por Gonzaga e pelo velho Horácio de Corneille”.¹¹ Essa correspondência documenta a posição consolidada de Machado como crítico em 1868 e também é um registro de sua crítica teatral.

3. A primeira carta da correspondência trocada entre Machado de Assis e José Veríssimo tem a assinatura deste último, datada de 1883, quando ainda residia na Província do Pará e estava fundando a *Revista Amazônica*. Escrita com o objetivo de comunicar a criação da revista e pedir a colaboração de Machado, a carta cumpre a formalidade requerida para a situação: “Ilmo. Exmo. Sr.”. Nessa missiva pode-se observar a sensibilidade de Veríssimo: percebeu amplamente a situação das letras no Brasil daquele período, mesmo estando geograficamente distante do Rio de Janeiro, e a necessidade da criação de redes de contato para viabilizar uma tarefa que não se mostrava fácil.

9 WERNECK, Maria Helena. Veja como ando grego, meu amigo. Os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Batella (Orgs.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudo sobre cartas*. São Paulo: Companhia da Letras, 2000.

10 CHAPMAN, A. H.; CHAPMAN-SANTANA, Miriam. Machado de Assis's own writings about his epilepsy: a brief clinical note. In: *Arq. Neuropsiquiatr*, 58(4), 2000.

11 FARIA, João Roberto. Alencar e Machado: breve diálogo epistolar. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Batella (Orgs.). Op. cit.

É uma tentativa talvez utópica, mas, em todo caso, bem intencionada [...] Mas eu só, e no meio de uma sociedade onde os cultores das letras não abundam, nada posso; e se não fosse confiar na proteção daqueles que, como V. Ex., conservam vivo o amor ao estudo, não a publicaria. – É, pois, para pedir sua valiosíssima colaboração que tenho a honra de escrever a V. Ex., de quem há muito que sou admirador sincero. [José Veríssimo. Pará, 4 de março de 1883]

Machado, compartilhando a ideia, escreve em resposta:

Não importa; a simples tentativa [de fundar a *Revista Amazônica*] é já uma honra para V. Ex., para os seus colaboradores e para a Província do Pará, que assim nos dá uma lição à Corte. – Há alguns dias, escrevendo de um livro, e referindo-me à *Revista Brasileira*, tão malograda, disse esta verdade de La Palisse: – “que não há revistas, sem um público de revistas”. Tal é o caso do Brasil. Não temos ainda a massa de leitores necessária para essa espécie de publicações. [Machado de Assis. Rio de Janeiro, 19 de abril de 1883]

A escrita de ambos aponta para uma consciência sobre as questões culturais de um país em formação, cujo reduzido número de leitores agravava a dificuldade de iniciativas daquele porte, principalmente em se tratando de revistas especializadas. É de admirar o empenho de Veríssimo em fundar e dirigir essa revista, quando deslocado do centro dos acontecimentos – a Corte. Este traço de obstinação seria mais tarde elogiado por Machado diante do volume de atividades exercidas pelo crítico, quando este já se havia mudado para o Rio de Janeiro: “Você vive e bem. Não posso voltar-me para nenhum lado que não o veja impresso. Onde é que Você acha tanta força para acudir a tanta coisa?” [Machado de Assis. Rio, 16 de janeiro de 1899]

A mudança de Veríssimo para o Rio de Janeiro acontece em 1891, e a correspondência entre os dois se torna frequente a partir do ano de 1895. As marcas formais de tratamento atenuam-se, denotando proximidade – “Mestre e amigo”, “Meu caro”, “Caro amigo” –, como também se modifica o modo como se conduz o desenlace da carta: “admirador sincero”, “amigo e confrade”, “velho amigo”, “todo seu”, “abraço-o de coração”, entre outros. Junto a isso, cronologicamente, também se acentua a frequência das cartas e a recorrência de assuntos ligados às atividades dos dois: a literatura e a crítica literária.

4. Tanto a crítica como os contos e romances de Machado tiveram, desde o início, projeção nos jornais e em outros veículos de divulgação da época. Assim parece ter sido com Veríssimo também desde que chegou ao Rio de Janeiro. O espaço da imprensa era compartilhado pelos dois em uma constante divulgação de textos a respeito do trabalho do outro, com a nota favorável e elogiosa. É importante, no entanto, notar que havia no espaço privado das cartas o aparecimento dos agradecimentos a essas críticas recebidas em público, com um tom geral de gratidão à aceitabilidade do outro. Há manifestações, no decorrer do conjunto epistolar, sobre a necessidade de cumprimentar pessoalmente o outro pela crítica recebida, como surgem também manifestações de agradecimento pela “boa vontade e simpatia” contidas em matérias de jornal. Adentrado o espaço privado, crítico e escritor mantinham registros linguísticos e cumplicidades literárias mútuas que não apareciam no espaço público:

Escrevo-lhe a tempo de suprir a visita pessoal, caso não possa ir agradecer-lhe as suas boas palavras de amigo no último número da *Revista*. Não quero encontrá-lo sábado, à noite, sem lhe ter dado, ao menos, um abraço de longe. Aqui vai ele, pela crítica do meu velho livro e pelo mais que disse do velho autor dele. [Machado de Assis. Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1898]

Você é que, apesar de tudo, lembrou-se de mim, com aquela boa vontade que sempre lhe achei. Cá li a referência no *Jornal* de hoje, e daqui lhe mando um aperto de mão. [Machado de Assis. Rio de Janeiro, 10 de abril de 1899]

O bom, o amável mestre é V. que me manda por um mau artigo agradecimentos que valem uma condecoração. [José Veríssimo. Rio de Janeiro, 19 de março de 1900]

Paralelamente à parceria elogiosa e aos agradecimentos que marcam a correspondência, predomina também a necessidade de provar privativamente que a crítica pública não é lisonjeadora, mas sim corresponde ao trabalho verdadeiramente valoroso do outro. Esta relação entre eles parecia ser regida por uma ética de que a elite cultural brasileira não compartilhava, pois o contexto sociocultural em que estavam inseridos tendia, ao contrário, a influenciar os pareceres críticos; ou seja,

não havia um limite definido entre o parecer profissional e o ataque pessoal, mas existia ao menos o desejo de delimitação por parte de Machado e Veríssimo. A “vontade de valor” e a “vontade de verdade”¹² estão presentes nas cartas em um insistir recorrente que evidencia a importância dada à relação entre a ética e o valor: “[...] Não tem que me agradecer a referência que não é senão justa”. (José Veríssimo. Rio de Janeiro, 10 de abril de 1899)

Uma marca desta necessidade é a troca de cartas de junho de 1899. Há, na primeira, referências sobre o acolhimento de Machado de Assis, em crítica publicada na *Gazeta*, à segunda edição do livro *Cenas da vida amazônica* de José Veríssimo. Machado recebe então de Veríssimo o agradecimento respeitoso juntamente com uma autocrítica do trabalho, com os olhos distanciados por treze anos da primeira edição:

[...] Meu caro amigo e admirado mestre, é o caso de repetir com toda a sinceridade, o estafado “faltam-me expressões com que lhe agradeça”. A sua fineza vai-me ao fundo do coração [...]. Eu lhe disse e é a pura verdade: eu gostava do livro pelo que havia nele das minhas emoções juvenis, das cenas e paisagens em que fui parte e onde vivi, do amor do torrão natal com tudo que a saudade do passado lhe empresta de belezas e delícias; foi porém, V. que me fez estimá-lo, que me deu a confiança que ele não seria de todo desvalioso, na primeira vez que nos vimos. – Quantas vezes, desculpe-me a franqueza, voltei a duvidar desse livro que eu amava por aquelas razões. A sua consagração de ontem pelo Mestre indisputado não me permitirá mais duvidar, lá bem no íntimo, dessa obra de mocidade e de amor. – Seu de todo o coração. [José Veríssimo. Rio de Janeiro, 12 de junho de 1899]

É a palavra do “Mestre” Machado que habilita Veríssimo a dar crédito ao seu livro de juventude. Este eleva como critério de valor a “cor local” quando evidencia as emoções juvenis, cenas e paisagens do livro; nota-se que a carta data de 1899,

12 Categorias utilizadas por Alfredo Bosi, à luz do pensamento de Marx Weber, no “Post-scriptum 1992”, presente no livro *Dialética da colonização*, em que retoma o ensaio “Cultura brasileira e culturas brasileiras”, para discutir a situação atual da cultura brasileira. A “vontade de valor” é o termo utilizado para explicar o que “motiva o trabalho do conhecimento” e a “vontade de verdade” para explicar a necessidade de um metavalor “que torna o sujeito honesto em face do seu objeto” e para que “a ciência não regride a simples máscara do interesse que a motivou”. (BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 350).

período em que Veríssimo ainda empregava o aspecto nacionalista como critério de valor, conforme revela Hélio de Seixas Guimarães.¹³ Em resposta, Machado deixa transparecer a preocupação em tornar evidente o valor do livro em si:

Você fez bem em lembrar-me o que eu lhe dissera há anos, a respeito das *Cenas da vida amazônica*. Com tal intervalo, a mesma impressão deixada mostra que o livro tinha já o que lhe achei outrora. Os que vencem tais provas não são comuns. E outra prova. Trouxe de lá a *Revista*, e li o artigo do João Ribeiro. Sem que houvésemos falado, escrevendo ao mesmo tempo, veja V. que ele e eu nos encontramos nos pontos principais; donde se vê que as belezas que achamos no livro existem de si mesmas. [Machado de Assis. Rio de Janeiro, 14 de junho de 1899]

A transitabilidade das questões literárias pela imprensa e pela correspondência dos dois autores é uma constante – na primeira a exaltação e louvação do outro, na segunda o agradecimento e a provação do valor. Por parte de Machado de Assis, foi anteriormente elaborada uma reflexão sobre os limites do trabalho crítico em seu ensaio “O ideal do crítico”, de 1865; já por parte de José Veríssimo parece haver ainda um crítico em formação, vulnerável ao seu contexto social.

Ao recuperarmos a história da crítica acadêmica no Brasil, percebe-se que ela só se formaria na segunda metade do século xx, com o desenvolvimento das universidades e a divulgação das metodologias trazidas pelos professores estrangeiros. Era portanto por esforços individuais, não necessariamente pautados pelo rigor, que as produções brasileiras eram anteriormente pensadas. No entanto, na década de 1860-1870, Machado de Assis voltou-se com muita acuidade para questões da crítica e da literatura em “O ideal do crítico” e em “Instinto de nacionalidade” Nesses artigos, Machado se mostra como um autor consciente da situação brasileira: comenta a sujeição da crítica a interesses pessoais e o critério de valor nacional como única “condição do belo”. Também José Veríssimo se voltaria, já por volta de 1900, para as reflexões sobre a crítica e a arte em alguns de seus estudos, como por exemplo no

¹³ GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Romero, Araripe, Veríssimo e a recepção crítica do romance machadiano. In: *Estudos Avançados* (São Paulo), v. 18, nº 51, p. 279, 2004.

artigo “Questões literárias”,¹⁴ em que discute a constituição teórica da crítica literária e a possibilidade ou não de se chegar a um padrão de crítica. É necessário notar seus esforços particulares na tentativa de aperfeiçoar o trabalho do crítico, porém é oportuno observar que, no período da troca de correspondência entre ambos, Machado já havia ao longo de anos elaborado essas questões enquanto Veríssimo as pensava contemporaneamente, o que por vezes transparece nas cartas como exemplo de uma posição de crítica ainda em formação.

Há na correspondência do começo de 1901 a evidência ao fato de a crítica ainda estar associada, por parte de Veríssimo, à dependência do contexto social:

[...] Que me diz V. do livro do nosso confrade F... [...] ? Que futilidade, que mau gosto, digamos, que tolice! E é isto, aqui entre nós, esta nossa pobre literatura – e esse um dos mais afamados dela. Eu não direi nada do livro, porque nem o meio, nem as minhas boas relações com o amável autor me permitiriam a liberdade de dizer como penso, que é um livro besta [...] como a dominante do N... é a puerilidade, assim o F... é a futilidade. Eles se valem. – E o B... e as carnes verdes? Que horror, que miséria! Sinto, sinto deveras, porque, ao cabo, o B... era uma esperança de todos os espíritos liberais. Para mim é hoje um Patrocínio branco, acaso pior, porque não tem a paixão do outro e não tinha contra si a péssima educação dele. [José Veríssimo. Nova Friburgo, 28 de janeiro de 1901]

Em Machado, que tanto insistiu que “o crítico deve ser independente – independente em tudo e de tudo – independente da vaidade dos autores e da vaidade própria” e que “a sua convicção deve formar-se tão pura e tão alta, que não sofra a ação das circunstâncias externas”,¹⁵ encontra-se uma resposta breve, que parece ser a forma de conciliar suas próprias ideias com as do crítico amigo: “Não li o livro do F...” (Machado de Assis. Rio de Janeiro, 1º de fevereiro de 1901)

Em carta seguinte, Veríssimo retorna ao assunto, acrescentando depoimento convergente com o seu:

¹⁴ VERÍSSIMO, José. Op. cit.

¹⁵ ASSIS, Machado de. O ideal do crítico. In: *Obras completas*. COUTINHO, Afrânio (Org.). Rio de Janeiro: Aguilar, 1959, v. III.

Estimei que o Heráclito, cujo juízo acato, pense como eu do inefável livro do F... Quando aí chegar, lhe darei um (tenho dois) para ler. Assombroso de bobice! [José Veríssimo. Nova Friburgo, 12 de fevereiro de 1901]

Contrariando o que é uma constante nas cartas de Machado de Assis, desenvolver os assuntos que o seu interlocutor propõe, desta feita há somente o silêncio como resposta. É verdade que Machado considerou também que “acima de tudo, dos sorrisos e das desatenções, está o dever de dizer a verdade, e em caso de dúvida, antes calá-la, que negá-la”. Parece ser esse conselho utilizado por ele próprio durante toda a carreira literária; e parece ser também o utilizado por Veríssimo no *mea culpa* que faz, bem ao estilo das “Advertências” machadianas, em prefácio ao seu livro *Que é literatura*, surgido em 1907: “O autor deste semilivro não gosta de pôr prefácio a livros, seus ou alheios. [...] Pode ser que lhe tenha alguma vez faltado a coragem de dizer tudo o que pensava, mas protesta nunca ter dito senão o que pensava e como pensava”.

A posição de Veríssimo como crítico no fim do século XIX e começo do século XX se mostra oscilante entre os critérios de valor seguidos. Lembre-se da autoanálise do seu livro *Cenas da vida amazônica*, com trecho transcrito acima, em contraponto com o trecho da carta de novembro de 1897, em que Veríssimo eleva as observações pessimistas de Brás Cubas a verdades universais; ou ainda em carta de 1901, quando destaca o interesse de Machado por questões do ser humano, tendendo mais à crítica psicológica:

[...] Há aqui neste pequenino mundo muita coisa que provocaria as observações pessimistas, e, quase estou em dizer, portanto verdadeiras, de Brás Cubas. [José Veríssimo. Nova Friburgo, 27 de novembro de 1897]

[...] Você não é um admirador da natureza; o que lhe interessa é a vida humana e o homem, as suas paixões e ideias... [José Veríssimo. Nova Friburgo, 28 de janeiro de 1901]

No entanto, a sedimentação do crítico em relação aos critérios adotados, que manteria depois até o final da sua produção crítica, começou a se dar logo.

Os valores universais e também os critérios realistas são teoricamente desenvolvidos em vários artigos, como por exemplo no já citado “Questões literárias”. Essa sedimentação parece ficar entrevista em sua correspondência com Machado, no primeiro decênio dos novecentos. Sobre *Relíquias da Casa Velha* tece observações inclinadas aos critérios universais, ressaltando a sua preferência pelo conto “Pai contra mãe”, na carta de 19 de fevereiro de 1906:

Recebi agradecido o seu novo livro, *Relíquias da Casa Velha*. Relíquias são também preciosidades, e as suas justificam este sinônimo, e muita casa velha vale mais que as mais novas e vistosas, e pela solidez da sua fábrica, segurança e harmonia da sua estrutura, graça geral do seu aspecto [...] dou a primazia a “Pai contra Mãe”, um modelo raro de sobriedade, ironia discreta e um pessimismo que, por amargo, não deixa de ser delicioso. Mas quem sabe se, de fato, o que mais me agradou não foi “Um livro”? É tão ruim esta pobre natureza humana.

Em carta que relata suas primeiras impressões sobre o *Memorial de Aires*, mostra-se inclinado a perceber em Aires o próprio Machado e em D. Carmo, sua esposa-finada Carolina. Não há nenhuma distinção, neste trecho, entre a figura do narrador e a do autor; ao contrário, Veríssimo finaliza a carta trocando o nome de Machado por Aires, num tom de amizade sincera:

Que fino e belo livro V. escreveu! Consinta-me a vaidade de crer que o entendi e compreendi. O velho Aires (é ele mesmo que se quer considerar assim) decididamente é um bom e generoso coração: apenas com o defeito de o querer esconder. Você já nos tinha acostumado às suas deliciosas figuras de mulher, mas creia-me, excedeu-se em D. Carmo. Ah! Como é verdade que a grande arte não dispensa a colaboração do coração... – Desejo-lhe melhoras, ou melhor, restabelecimento e vida e saúde, para nos dar o resto do Memorial desse velho encantador que é o meu amado Aires. – Seu J. Veríssimo. [José Veríssimo. Rio de Janeiro, 18 de julho de 1908]

A crítica literária começa, com o tempo, a dividir o espaço das cartas com as questões da Academia Brasileira de Letras e com tentativas de motivar o “velho” Machado de Assis. Concomitantemente à maturidade da crítica de Veríssimo, parece

haver em alguns momentos um olhar decadente de Machado sobre si mesmo, um olhar um tanto descrente sobre sua velhice e a possibilidade de realização de novas obras. Durante as cartas trocadas nos novecentos, principalmente após a morte de sua esposa Carolina, surge a preocupação de estar se tornando enfadonho e, provavelmente por isso, Veríssimo assumirá um papel de amigo motivador.

Ainda bem que lhe agradaram estas páginas que o teimoso de mim foi pesquisar, ligar e imprimir como para enganar a velhice. Não sei se serão derradeiras, creio que sim. Em todo caso estimo que não tenham parecido inoportunas ou enfadonhas, e o seu juízo é de autoridade. [Sobre *Relíquias da Casa Velha*] [Machado de Assis. Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1906]

O livro é derradeiro; já não estou em idade de folias literárias nem outras. O meu receio é que fizesse a alguém perguntar por que não parara no anterior, mas se tal não é a impressão que ele deixa, melhor. [Sobre *Memorial de Aires*]. [Machado de Assis, 19 de julho de 1908]

5. Na construção da interlocução entre José Veríssimo e Machado de Assis, foi privilegiada desde o início a relação receptiva e positiva do trabalho do outro. Ao longo da correspondência, as afinidades literárias vão-se estreitando e pode-se notar, desde o começo do século XX, que as cartas assumem um lugar para se estimularem as novas criações, principalmente as aspiradas memórias de Machado de Assis:

[...] e os votos que faço para que nos continue a sua *verte veillesse*, se não há abuso nesta palavra, a fim de dar-nos mais obras-primas, e aquelas memórias que são o meu desespero... [José Veríssimo. Rio de Janeiro, 1º de janeiro de 1900]

[...] Você acostumou-nos às suas qualidades finas e superiores, mas quando a gente é objeto delas melhor as sente e cordialmente agradece. Ao mesmo tempo sente-se obrigada a fazer alguma coisa mais, se os anos e os trabalhos não se opuserem à obrigação... [Machado de Assis. Rio de Janeiro, 19 de março de 1900]

[...] cá temos tido nas suas Revistas literárias, que são para gulosos. Vejo que não aceitou o meu conselho e, como eu ganhei com isso, fez muito bem, e melhor fará continuando. [Machado de Assis. Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1901]

Veríssimo não poderia deixar de insistir para que Machado de Assis – escritor de maior prestígio de seu tempo –, que até então já havia transitado por tantos gêneros literários, escrevesse suas memórias; afinal, a publicação dos *journaux intimes* já vinha sendo cultivada na França, o que por si só já justificava as memórias autobiográficas do nosso maior escritor, devido ao prestígio que a França mantinha entre a elite brasileira. A consideração da importância desse trabalho de Machado para a literatura brasileira foi enfatizada por Veríssimo, chegando mesmo a afirmar que elas seriam “o melhor fruto de sua carreira de crítico”. Paralelamente, Machado assume uma atitude evasiva, pois não afirma se escreverá as memórias; no entanto deixa em aberto a possibilidade de algum trabalho futuro:

Gostei sobretudo da sua carta porque ela contém um compromisso, que eu espero que a mocidade do seu espírito e alguns anos de vida o deixarão, por bem das nossas letras e felicidade dos seus leitores, realizar. Se nisso pudesse eu ter a minha parte, por mínima que fosse, seria o melhor fruto da minha carreira de crítico. [José Veríssimo. Rio de Janeiro, 19 de março de 1900]

Apesar da exortação que me faz e da fé que ainda põe na possibilidade de algum trabalho, não sei se este seu triste amigo poderá meter ombros a um livro, que seria efetivamente o último. [Machado de Assis. Rio de Janeiro, 4 de fevereiro de 1905]

Para as memórias ou outros textos há sempre um lugar de estímulo ao trabalho do outro. Com a morte de Carolina, Veríssimo intensifica seus pedidos por novas obras de Machado, talvez como forma de animá-lo um pouco; e quando o *Memorial de Aires* é lançado, faz uma crítica muito favorável, em trecho de carta anteriormente transcrita, ao mesmo tempo em que o exorta a dar o que chama do “resto do Memorial”.

6. No ano de 1908, Machado se encontrava já um tanto debilitado e a iminência de sua morte fez com que Veríssimo abordasse um tema um tanto delicado – a autorização da recolha e publicação póstuma de sua correspondência. O pedido não aparece nas cartas trocadas, somente a sugestão de que havia sido feito em conversas pessoais. Todavia, tem-se o registro da resposta afirmativa de Machado em carta de abril do mesmo ano:

Não me parece que de tantas cartas que escrevi a amigos e a estranhos se possa apurar nada interessante, salvo as recordações pessoais, que conservarem para alguns. Uma vez, porém, que é satisfazer o seu desejo, estou pronto a cumpri-lo, deixando-lhe a autorização de recolher e a liberdade de reduzir as letras que lhe pareçam merecer divulgação póstuma. – Nesse trabalho desconfie da sua piedade de amigo de tantos anos, que pode ser guiado, – e mal guiado, – daquela afeição que nos uniu sem arrependimento nem arrefecimento. O tempo decorrido e a leitura que fizer da correspondência lhe mostrará que é melhor deixá-la esquecida e calada. [Machado de Assis. Cosme Velho, 21 de abril de 1908]

A humildade com que Machado se expõe revela ao mesmo tempo o momento de fragilidade física que estava vivendo e a elevada consciência crítica de seu trabalho. Seguramente, a inserção de Machado no jogo social de seu tempo e a distância entre sua obra e sua correspondência, examinadas por Marília Rothier Cardoso em seu estudo “Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis”, estão aqui por ele próprio atestadas. Machado não vê nada que possa interessar às letras brasileiras e hesita quanto à relevância da publicação, talvez por ter-se utilizado conscientemente da estratégia do distanciamento e da separação entre vida pessoal e profissional.¹⁶

A leitura de Augusto Meyer, à luz da categoria do homem subterrâneo, utilizada para interpretar aspectos da obra de Machado de Assis, pode ser empregada aqui para aprofundar a análise desse trecho. Tem-se aqui o seu momento solitário,

¹⁶ É primordial ressaltar que as cartas trocadas entre Machado e Carolina não estão no conjunto autorizado, ao contrário foram queimadas a pedido dele próprio, como nos relata Lúcia Miguel Pereira em sua biografia sobre Machado de Assis. CARDOSO, Marília Rothier. Op. cit.

voltado para si mesmo, emergido do contexto social, consciente de que, como bem diz Meyer, insular-se não significa se isolar para a vida exterior;¹⁷ ao contrário, viveu todo o tempo cercado de amigos e conviveu muito bem com todas as pessoas, mas paradoxalmente viveu só.

Mesmo com um olhar contemporâneo sobre as cartas, José Veríssimo anteviu a importância de reunir e publicar a correspondência machadiana e não esconde o contentamento de ter sido escolhido como seu “testamenteiro literário”. Dos registros epistolares do século XIX conhecidos da nossa literatura, parece não haver nenhum registro em cartas que aponte para essa consciência da necessidade de publicação de cartas de escritores; no entanto, esta ainda é uma hipótese a ser verificada.

Por mais objetividade e desprendimento que eu quisesse pôr no assunto das nossas conversas que me valeram a sua carta de 21, autorizando-me a recolher a sua correspondência, e publicá-la após a sua morte, não pude esquivar-me, lendo-o, a uma sentida emoção. [...] Querendo Você admitir que seja V. (o primeiro a morrer), eu não me arrependo de lhe haver sugerido, num desses bons momentos de expansão da nossa amizade, a necessidade de providenciar sobre o seu espólio literário, dizendo-lhe com toda a franqueza e sinceridade o muito que interessaria às nossas letras a publicação da sua correspondência, a julgar pela parte dela que a mim coubera receber. Menos que a amizade, moveu-me, creia, esse interesse. A mim, que conheço quanto literariamente, e ainda como documento psicológico e testemunho do seu tempo, valem as suas cartas, me pesava a ideia de que elas se viessem a perder para a nossa literatura e para a nossa alma, às quais, de fato, pertencem. [José Veríssimo. Rio de Janeiro, 24 de abril de 1908]

O pragmatismo com que enfrentaram um assunto tão delicado como a morte deixa à mostra a estreita ligação literária que os uniu, pois foi pela literatura que transpuseram com desprendimento esse fato, abordando-o com a naturalidade necessária em favor da fortuna literária brasileira. Veríssimo mobilizou-se para reunir o conjunto já com a finalidade de publicação póstuma, com o argumento de que as cartas não se poderiam perder para a literatura brasileira, enquanto

17 MEYER, Augusto. “Homem subterrâneo”. In: Op. cit.

Machado adotou uma postura oposta quanto à validade literária das mesmas. Independentemente da conclusão a que cada um deles chegou, é importante ressaltar que o tema foi levantado de forma clara e objetiva, demonstrando mais uma vez a consciência que mantinham sobre as letras no Brasil do começo do século xx.

Tudo isso agrega a esse conjunto um valor histórico, um testemunho do período vivido por Machado e Veríssimo. Mas também deixa à vista a perspicácia crítica de José Veríssimo, pois partiu dele, crítico coetâneo que mais se aproximou das obras machadianas, a iniciativa da coleta das cartas. Através de sua atenta observação à produção machadiana, ele teve a sensibilidade de perceber a importância literária que o conjunto assumiria. Se no começo de sua carreira Veríssimo atentamente olhou para a frágil cena brasileira e mesmo assim encarou o projeto de edição da *Revista Amazônica*, vinte e cinco anos mais tarde percebeu nas cartas escritas por Machado um objeto de interesse para a literatura e novamente encarou a tarefa: reuniu-as e lhes deu o valor que considerava merecido.

Cristiana Tiradentes Boaventura é mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo.